

PROJETO COLETIVOS

TRANSFORMANDO A INFÂNCIA
E ADOLESCÊNCIA NAS PERIFÉRIAS

CICLO 2

Rebecca M.
40 ANOS









FICHA TÉCNICA

Presidência

Synésio Batista da Costa

Vice-Presidência

Carlos Antonio Tilkian

Conselho de Administração

Cleriane Lopes Denipoti

Eduardo José Bernini

Elizabeth Maria Barbosa de Carvalhaes

Euclésio Bragança da Silva

Fernando Vieira de Figueiredo

Fernando Vieira de Mello

Humberto Barbato Neto

José Eduardo Planas Pañella

José Ricardo Roriz Coelho

Luiz Fernando Brino Guerra

Maria Rosemary França Vianna

Morvan Figueiredo de Paula e Silva

Rubens Naves

Vitor Gonçalo Seravalli

Conselho Fiscal

Almir Rosas Augusto Laranja

Bento José Gonçalves Alcoforado

Sérgio Hamilton Angelucci

Superintendência

Victor Alcântara da Graça

Gerência Executiva

Juliana Mamona

Textos e trabalhos artísticos

Fundação Abrinq

A Pezito

Biblioteca Comunitária do Arvoredo

Biblioteca Comunitária Roedores de Livros

Centro Cultural Mamulengo

Coletivo Caixa de Pandora

Coletivo Cultural Ibomin

Companhia de Artes Elementos

Gaviões da Lua

Grupo Cultural Àsé Dúdú

Maloka Cultural

Poesia nas Quebradas

Colaboração

Caroline Rodrigues Miranda

Fernanda Verzinhasi Barbosa

Maria Lucilene de Almeida Santos

Thiago Sanches Battaglini

Viviane Zaila Malika Tau

Revisão de Texto

Mônica de Aguiar Rocha

Projeto gráfico, Diagramação e Arte-Final

Fernando Oki

Impressão

Margraf

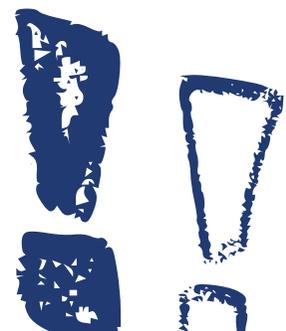
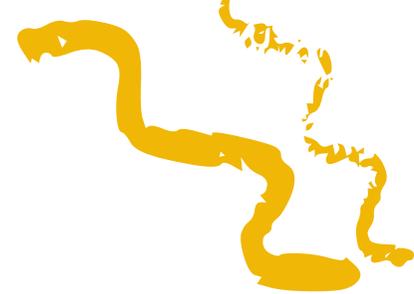
Tiragem

1.253 exemplares

Ano

2024

A revisão textual desta publicação foi baseada na premissa de respeito à fidelidade dos depoimentos e às manifestações linguísticas documentadas. Isso foi feito para que os leitores não julguem os textos com a premissa de algum erro gramatical, léxico ou outro diante da norma padrão da língua portuguesa. A revisão não buscou corrigir as falas das pessoas ou as produções artísticas para enquadrá-las no padrão citado, mas, antes, organizar os materiais e as narrativas para que estivessem coerentes e compreensíveis, de forma a manter suas marcas de identidade e expressão pessoal. A Fundação Abrinq não se responsabiliza por todas as falas e opiniões contidas nesta publicação, não sendo necessariamente sua opinião.



APRESENTAÇÃO

A atuação dos coletivos nas periferias das grandes cidades brasileiras é essencial para a garantia e efetivação de direitos de crianças e de adolescentes que ali vivem. O caráter voluntário, a articulação de redes de parcerias e solidariedade, a presença orgânica no território e a relação intrínseca com as comunidades que ali estão são características que se traduzem em movimentos de resistência, permanência e constância que preservam e protegem infâncias em todo o País.

A Fundação Abrinq, organização sem fins lucrativos com atuação consolidada na promoção e defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e de adolescentes no âmbito nacional, reconhece a centralidade da atuação desses coletivos na proteção e preservação das infâncias periféricas. Dessa maneira, iniciou, em 2022, o desenvolvimento do Projeto Coletivos, para fortalecer essa nova forma

de atuação e alcançar crianças e adolescentes das periferias de todo o Brasil. O projeto passou a ser construído em parceria com os coletivos periféricos selecionados para os primeiros ciclos de convênio, para ajustar os procedimentos internos tradicionais de uma organização de grande porte à realidade dos pequenos e potentes grupos informais atuantes nos mais variados territórios.

A construção deste projeto traz, a cada ano, novos frutos e resultados impactantes. Novas sedes de coletivos inauguradas, novos materiais, novas ações e novos materiais oferecidos a crianças e adolescentes, integração entre coletivos diversos e formações realizadas são alguns dos impactos observados ao longo dessa parceria. Ao mesmo tempo, a Fundação Abrinq é permeada por novos temas, ou novas abordagens de temáticas tradicionais, que geram um processo de



aprendizado e fortalecimento mútuo que alcança, cada vez mais, diferentes crianças e adolescentes.

Esta publicação apresenta os trabalhos e resultados do segundo ciclo deste projeto, que agora se expande de São Paulo para outras regiões metropolitanas do país – Salvador, Brasília e Porto Alegre. Ao longo desse ciclo, foram beneficiados mais de 1.500 crianças e adolescentes. O conteúdo a seguir busca apresentar um pouco do rico e diversificado trabalho desenvolvido, desde agosto de 2023, pelos 11 coletivos



que formam o segundo ciclo do projeto e pelas crianças por eles beneficiadas. Os temas dos trabalhos estão diretamente relacionados à atuação deles, que buscam trabalhar as diversidades, a valorização das diversas formas do brincar e resgatar e proteger as memórias e ancestralidades de todas e todos.

Que a leitura deste material possa estimular novas atuações, caminhos e abordagens com crianças e adolescentes, e que o excepcional trabalho dos coletivos alcance mais parceiros para suas iniciativas.



INTRODUÇÃO DOS
COLETIVOS DO

CICLO 2

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ROEDORES DE LIVROS

Há 18 anos nasceu a Biblioteca Comunitária Roedores de Livros. O coletivo dedica-se à promoção do acesso aos livros e a despertar o prazer pela leitura nas crianças da Ceilândia, região administrativa localizada na periferia de Brasília – Distrito Federal. Além de transformar as vidas dos pequenos leitores, o coletivo também se propõe a formar mediadores voluntários para que sua metodologia de atuação continue alcançando mais crianças. O coletivo atendeu mais de 100 crianças durante a parceria, e cerca de 30 crianças mensalmente. Oferece sessões de mediação de leitura



ROEDORES
DE LIVROS

Território de atuação: Ceilândia

Endereço: Quadra QNM 11, Área Especial
Lote 3, Torre A - 72215-989 - Brasília-DF

E-mail institucional:
roedoresdelivros@gmail.com

Redes sociais: @roedoresdelivros

que promovem a escuta ativa entre o mediador, o livro e as crianças. Depois da mediação, acontece uma oficina artística, em que são desenvolvidas habilidades manuais correspondentes à leitura do dia. O acervo bibliográfico reúne um conjunto de mais de 5 mil livros infantojuvenis cuidadosamente selecionados, e o empréstimo é feito para as crianças e para toda a comunidade. São quase duas décadas em que os Roedores de Livros promovem o encontro entre livros, mediação de leitura, literatura, arte, mediador e leitor para e pela troca de ideias, afeto, lazer e prazer em um espaço de cultura e educação e livre para o desenvolver do pensamento crítico.



INOVANDO



COLETIVO POESIA NAS QUEBRADAS

Território de atuação: Planaltina

Endereço: Quadra 3 conjunto C lote 51, Vila Bunitis, Planaltina - 73350-303 - Brasília-DF

E-mail institucional:
poesianasquebradas@gmail.com

Redes sociais: @poesianasquebrada



O coletivo Poesia nas Quebradas surge em 2015, nas quebradas da periferia de Planaltina, Distrito Federal, para gerar contextos de reflexão e expressão artística a partir da cultura hip-hop e da literatura marginal. A cultura hip-hop desempenha um papel mediador essencial ao criar vínculos afetivos profundos entre as crianças e o território, fortalecendo o senso de



pertencimento e identidade. O coletivo atende em torno de 20 crianças mensalmente, com atividades culturais e educativas como o “Projeto Cria”, “Cine Quebrada” e o “Festival Quebradas”. São utilizados elementos como o rap, o graffiti, o breaking e o DJ, a literatura marginal e o conhecimento para engajar as crianças de maneira expressiva e criativa.



GRUPO CULTURAL ÀSÉ DÚDÚ



GRUPO CULTURAL ÀSÉ DÚDÚ



O Grupo Cultural Àsé Dúdú, que traz o significado da palavra e da ação por “força negra”, surgiu como instrumento de luta. Foi fundado há 37 anos com o intuito de ser o primeiro bloco de carnaval afroreferenciado em Brasília. Com o passar do tempo, sua missão se expandiu, e hoje o coletivo executa diversos projetos de cunhos sociais e culturais com o objetivo de preservar e divulgar a cultura afro-brasileira com foco nas regiões administrativas de Brasília: Incra 8, Taguatinga e Ceilândia. A diretriz que impulsiona as ações do coletivo e o combate ao racismo em diferentes frentes. Dentre as opções, são ofertadas atividades



de percussão musical, dança afro, passeios culturais, oficinas de adereços afro e de instrumentos musicais, como a confecção de xerequerês, e, por último, a capoeira, o carro-chefe do Àsé Dúdú. Para o coletivo, a capoeira é a maior ferramenta de desenvolvimento social para disseminação do que há de mais belo e original na cultura afro, de forma que, além do ensino técnico, utiliza-se a modalidade como o mais valioso recurso pedagógico, artístico e cultural. O coletivo atende cerca de 50 crianças por mês na faixa etária de 5 a 18 anos.

Território de atuação: Ceilândia e Incra 8

Endereço: SHPS Quadra 703, Chácara 95, Setor Habitacional Pôr do Sol - 72238-410 - Brasília-DF

E-mail institucional:

ase.dudu.grupo@gmail.com

Redes sociais: @asedudu



BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO
ARVOREDO

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ARVOREDO



Território de atuação: Lomba do Pinheiro

Endereço: Av. Santos Dias da Silva, 727, Lomba do Pinheiro - 91550-500 - Porto Alegre-RS

E-mail institucional:
bibliotecadoarvoredo@gmail.com

Redes sociais: @bc_arvoredo

Situada junto à Sociedade Espírita Benfícite Amor e Caridade, na Vila Mapa, zona leste de Porto Alegre, a Biblioteca Comunitária do Arvoredo entrelaça cultura e educação como vetores para uma comunidade mais saudável para todas e todos. Em especial, para cerca de 410 crianças e adolescentes, de 4 a 17



anos, que visitam regularmente o espaço para ler, ouvir histórias e brincar entre trilhas, cursos d'água, pedras, árvores, flores e uma porção de elementos lúdicos. Composto por seis integrantes, desde 2015 o coletivo atua em parceria com escolas, serviços de assistência e uma rede de bibliotecas, mediando

a experiência da leitura e literatura de maneira criativa, acolhedora e transversal com outras práticas educativas respeitadas ao repertório de mundo de cada indivíduo. “Aqui é um paraíso. Nem parece que eu estou na Mapa”, disse um grande pensador de 5 anos. Quem somos nós para discordar?

ÁRIA D'ARVIBEDI

A PEZITO

A PEZITO



a pezito

Nascido em 2014, na cidade de Porto Alegre, o coletivo A Pezito é fundamentado na convicção de que o futuro se constrói no presente e atua para fomentar o exercício da cidadania desde a infância, visando à construção de cidades mais amigáveis, inclusivas e saudáveis para todas e todos. O coletivo trabalha em parceria com escolas, prefeituras e a sociedade civil, alcançando 70 crianças e adolescentes, entre 5 e 16 anos, de diferentes territórios. Como sugerido no próprio nome, o A Pezito caminha por outras perspectivas de relacionamento com os espaços, conduzindo



PEZITO

atividades lúdicas e educativas a partir de quatro eixos: Pedagogia Urbana; Investigação; Ativações e Intervenções; e Políticas Públicas. A realização do Comitê Infantil, na Associação dos Moradores da Vila da Pedreira, por exemplo, tem mobilizado a ativação dos espaços de brincar em diversos locais da comunidade e reforçado a importância da vivência coletiva, fortalecimento e valorização da participação infantil como agentes de transformação.

Território de atuação: Comunidade da Pedreira

Endereço: Rua Ursa Maior, 538 - 90820-200 - Porto Alegre-RS

E-mail institucional: apezito@gmail.com

Redes sociais: @a_pezito

CAIXA DE

CAIXA

CAIXA DE PANDORA



A trajetória do Caixa de Pandora se inicia em 2017, em Porto Alegre. De lá pra cá, o coletivo de seis artistas já transitou por incontáveis praças, escolas, centros culturais e equipamentos de assistência humanitária, convidando o público a pausar o cotidiano e imergir na mágica do Teatro Lambe-Lambe. Da Vila dos Papeleiros, onde resiste uma comunidade de catadoras e catadores, aos abrigos instalados durante as enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul, o Pandora tem desenhado a rota da sua itinerância rumo a transformar perspectivas, levando sua arte para inspirar e esperançar diversos contextos e territórios. Foram mais de 160 crianças espectadoras exclusivas da fantasia que cabe numa caixinha. Os espetáculos abordam temáticas relacionadas à preservação da natureza, cultura popular, afeto e assuntos do cotidiano, e as apresentações são individualizadas, respeitando a singularidade e o momento de troca, em que cada criança tem preservado seu tempo de escuta e reflexão.

CAIXA DE PANDORA



Território de atuação: Vila dos Papeleiros/
Itinerante

Endereço: itinerante em Porto Alegre-RS

E-mail institucional:
coletivocaixapandora@gmail.com

Redes sociais: @coletivo_caixadepandora



DE ARTES

COMPANHIA DE ARTES ELEMENTOS



COMPANHIA DE ARTES ELEMENTOS



A Companhia de Artes Elementos é um grupo formado por artistas que atua há 14 anos proporcionando experiências estimulantes a crianças e adolescentes através de atividades artístico-educacionais de teatro e dança afro. São ofertadas oficinas formativas e contínuas de ambas as modalidades com diferentes turmas em uma escola pública selecionada, além de espetáculos teatrais em outras escolas e abrigos. Só



COMPANHIA DE

no último período, 280 crianças foram beneficiadas pelo coletivo com uma média de quatro atividades por mês. O grupo promove a valorização da cultura negra através das diferentes expressões artísticas com impacto direto na autoestima, identidade e representatividade estética e cultural na realidade da infância e adolescência na região do Cabula, periferia de Salvador-BA.

Território de atuação: Cabula/Tancredo Neves

Endereço: itinerante em Salvador-BA

E-mail institucional:
ciadetheatroelementos@gmail.com

Redes sociais: @@ciaelementos

ARTES ELEMENTOS



COLETIVO CULTURAL IBOMIN

Território de atuação: Portão

Endereço: Rua Bela Vista, 141, Portão, Lauro de Freitas-BA

E-mail institucional:
coletivoibomin@gmail.com

Redes sociais: @coletivoibomin



O Coletivo Cultural Ibomin atua há 8 anos em Lauro de Freitas-BA, região metropolitana de Salvador. O coletivo tem por objetivo o fortalecimento da cultura afro-brasileira, o combate ao racismo e à intolerância religiosa. A principal ferramenta de trabalho é



a operação da Biblioteca Comunitária Girassol, localizada dentro de um terreiro e formada por seus membros, com atividades de mediação de leitura, empréstimo de livros para a comunidade e exibição de filmes afroreferenciados através do Cineclube.

Para o público externo, o projeto Para Ensinar Meus Camaradas leva livros e atividades lúdicas até as casas de crianças e famílias negras. São em torno de 20 crianças beneficiadas mensalmente de 3 a 8 anos de idade.

GAVIÕES DA LUA



Em 1999 o Mestre Alex Gavião iniciou um projeto de capoeira em sua própria laje no bairro de São Caetano, em Salvador-BA, ao perceber quanto as crianças e os adolescentes o observavam e repetiam seus movimentos. Desses pequenos alunos, dois irmãos cresceram e hoje lideram o Coletivo Gaviões da Lua com o mesmo sonho do Mestre fundador do grupo: apresentar a esperança de um mundo melhor

Território de atuação: São Caetano

Endereço: Rua Professor Francisco Góes
Calmon, 60, São Caetano - 40390-675 -
Salvador-BA

E-mail institucional:

gavioesdaluaoficial@gmail.com

Redes sociais: @gavioesdalua

através da capoeira. As atividades acontecem três vezes na semana, com oficinas de instrumentos, treinos práticos e aulas teóricas sobre a história da capoeira e da cultura do povo negro. O coletivo beneficiou 56 crianças de 4 a 15 anos com uma média de nove atividades por mês só no último ano. E, a partir de 2024, os Gaviões passaram a implementar aulas de teatro, cineclubes temáticos e conseguiram ainda inaugurar a Biblioteca Comunitária Pequenos Gaviões, no mesmo espaço dos treinos de capoeira. O sonho do Mestre segue prosperando com cada vez mais crianças.



MALOKA CULTURAL



A Maloka Cultural é um coletivo que nasceu da iniciativa Tríplice, um grupo de jovens artistas que desenvolvem ações culturais através do hip-hop. A Maloka surgiu há 7 anos e segue até hoje sendo o único espaço multicultural para as crianças em vulnerabilidade no bairro de Portão, em Lauro de Freitas-BA. As atividades incentivam a inclusão e



promovem a arte e a cultura com aulas de música, oficinas de desenho e grafite, cineclubes, rodas de conversas, oficinas de artesanato, oficina de fotografia e até um estúdio de gravação para que crianças e adultos possam ensaiar e produzir de forma gratuita. Além disso, o espaço recebe o atendimento voluntário de psicólogos e dentistas para toda a comunidade.

Território de atuação: Portão

Endereço: Rua Nova República, 53, Portão - 42714-090 - Lauro de Freitas-BA

E-mail institucional:
contatotriplíce@hotmail.com

Redes sociais: @malokaespacocultural

ORAL MAMULENGO

CENTRO CULTURAL MAMULENGO

O CCM foi fundado em 2007 pelo Mestre Griô Elias Bonfim, numa ocupação em São Tomé de Paripe, território tradicional e último bairro do subúrbio ferroviário de Salvador. O coletivo é composto por cinco arte-educadores, maioria jovens nascidos e crescidos na comunidade, participantes ainda crianças das primeiras brincadeiras e oficinas de bonecos oferecidas no espaço. Seu compromisso é com a



Território de atuação: São Tomé de Paripe
Endereço: Rua Alto das Pontes, 66, São Tomé de Paripe - 40800-210 - Salvador-BA
E-mail institucional: centromamulengo@gmail.com
Redes sociais: @ccm.cultura

defesa do direito à vida de crianças e adolescentes negros e negras, por meio da salvaguarda do Teatro de Bonecos Mamulengo (Patrimônio Cultural/Iphan). As atividades são elaboradas em parceria com as escolas públicas do bairro, lideranças comunitárias e outros agentes locais, objetivando contribuir com uma educação integral alinhada à proteção e valorização dos saberes e fazeres ancestrais. Mamulengo no

Quilombo é um projeto construído pelo grupo para dar continuidade ao legado do Mestre, formando continuamente novos bonequeiros e dinamizadores culturais, multiplicadores da pedagogia griô, da arte-educação e da cultura popular como tecnologias antirracistas para o acolhimento socioafetivo e para a cocriação de infâncias mais justas e seguras em comunidades periféricas.



MAMULENGO



COLETIVOS NA

ATIVVA





diversidade

Grupo de diversidade e
membros que definem
pessoas, tornando ínicos
de acordo com sua tribo,
gênero, orientações sexuais,
deficiências, religião ou
nacionalidade.

Poesia nas
QUEBRADAS

NINGUÉM VAI PODER
QUERER NOS DIZER COMO
AMAR

RESPEITO



ACESSO E DEMOCRATIZAÇÃO À CULTURA

A democratização do acesso cultural é fundamental para garantir que crianças e adolescentes em territórios periféricos tenham oportunidades iguais de enriquecimento cultural e desenvolvimento pessoal. Em muitas dessas comunidades, a carência de equipamentos culturais como teatros, bibliotecas e espaços culturais priva a infância e a adolescência de experiências enriquecedoras.

Do mesmo modo, é importante investir na formação de profissionais e voluntários capacitados para trabalhar com o público infantil, garantindo assim uma experiência educativa e enriquecedora. Outra alternativa é envolver a comunidade local no processo, estimulando a participação ativa dos pais e responsáveis na promoção de atividades culturais para as crianças.

O conceito de democratização cultural está diretamente relacionado à distribuição e à

popularização da arte como um todo. O acesso à cultura abre nossas mentes, potencializa as nossas ideias, nos dá asas para sonhar e nos torna humanos mais críticos e empáticos. A criação e a manutenção das diferentes expressões culturais elaboradas pelos coletivos mantêm vivas as nossas tradições, histórias e brincadeiras que estão, aos poucos, se perdendo em uma sociedade cada vez mais isolada entre seus iguais.

São iniciativas comunitárias e projetos que promovem a inclusão e a diversidade por meio de eventos culturais, permitindo que esse público encontre espaços para expressão criativa e aprendizado. Tais ações não apenas oferecem acesso direto à cultura, mas também fortalecem a identidade local e fomentam o orgulho nas tradições culturais próprias dessas comunidades.

Os coletivos do 2º ciclo do Projeto Coletivos da Fundação Abrinq no Distrito Federal são pontes entre as crianças e os adolescentes e a cultura. Em

Ceilândia, o Àsé Dúdú ressoa a cultura afro-brasileira na beleza coletiva da percussão, dança, capoeira e culinária, enquanto a Biblioteca Comunitária Roedores de Livros ecoa a bibliodiversidade da literatura, proporcionando acesso ao livro e promovendo a leitura. Em Planaltina, o Poesia nas Quebradas aumenta o som com a cultura hip-hop e

dá a letra com a literatura marginal. O acesso à cultura é um direito de nossas crianças e nossos adolescentes e o propósito de todos nós.

Autoria:

Coletivos Àsé Dúdú, Biblioteca Comunitária Roedores de Livros e Poesia nas Quebradas

DEPOIMENTOS

Oi meu nome é Rikelvem tenho 11 anos faço parte do grupo, cultural ÀSE DÚDÚ, vou falar um pouco de como entrei no ÀSE DÚDÚ e antes que eu entrasse pro ÀSE DÚDÚ eu era muito triste e solitário e quando entrei fiquei muito feliz e fiquei muito mais feliz quando teve apresentação e das oficinas e, então eu não sou mais triste e sim alegre.

“... faço parte do grupo cultural ÀSÉ DÚDÚ, vou falar um pouco de como entrei no Àsé Dúdú. Antes que eu entrasse pro ÀSÉ DÚDÚ, eu era muito triste e solitário e quando entrei fiquei muito feliz e fiquei muito mais feliz quando teve apresentação e das oficinas e, então, eu não sou mais triste e sim alegre.”

Rikelvem, 11 anos

“Há um tempo atrás eu era dependente de remédios antidepressivos, pois me sentia infeliz com a aparência do meu corpo, mas logo depois que eu entrei pro grupo ÀSÉ DÚDÚ me ajudou bastante a aceitar o meu próprio corpo, me ajudou a socializar com as pessoas. Eu acho que na comunidade onde vivemos gostaria muito de mais eventos culturais. Pois não temos, e acho que a cidade está carente desses eventos!”

Kauê, 14 anos

Olá, meu nome é Kauê tenho 14 anos, sou
inteligente e sou ÀSÉ DÚDÚ, e um tempo atrás
eu era dependente de remédios antidepressivos, pois
me sentia infeliz com a aparência do meu
corpo, mas logo depois que eu entrei pro
grupo ÀSÉ DÚDÚ me ajudou bastante a aceitar
o meu próprio corpo, me ajudou a me
socializar com as pessoas.

Eu acho que na comunidade onde
vivemos gostaria muito de mais eventos
culturais, pois não temos, e acho que a
cidade está carente desses eventos.

“Oi, galera da [Fundação] Abrinq, tudo bem? Meu nome é Joyce, tenho 15 anos, faço parte do grupo cultural ÀSÉ DÚDÚ, vim falar um pouco da minha experiência no Àsé Dúdu. Eu gosto bastante do Àsé Dúdu, tenho memórias boas das brincadeiras, das risadas e das apresentações. Lógico, nunca vou me esquecer desses momentos que fazem eu e meu irmão felizes. Sou muito grata por ter conhecido a Betinha no momento em que eu precisava.”

Joyce, 15 anos

Oi galera da abring tudo bem? meu nome é
Joyce tenho 15 anos faço parte do grupo
cultural ÀSÉ DÚDÚ, vim falar um pouco
da minha experiência no Àsé Dúdu, eu gosto
bastante do Àsé Dúdu tenho memórias
boas das brincadeiras das risadas e
das apresentações. Lógico, nunca vou me
esquecer desses momentos que fazem eu
e meu irmão felizes. Sou muito grata
por ter conhecido a Betinha no momento em
que eu precisava.

14 ANOS

OLÁ! MEU NOME É JORGE
MATEUS e tenho 14 anos,
VOU DIZER O QUE EU MAIS
GOSTEI quando entrei pro
ÀSÉ DÚDÚ, eu conheci novos
AMIGOS, eu adorei tudo, e foi
A MELHOR escolha da minha
VIDA ter entrado pro ÀSÉ
DÚDÚ, O QUE EU MAIS GOSTEI TAMBÉM
FOI O CARNAVAL, EU ME DIVERTI
MUITO e fiquei muito FELIZ

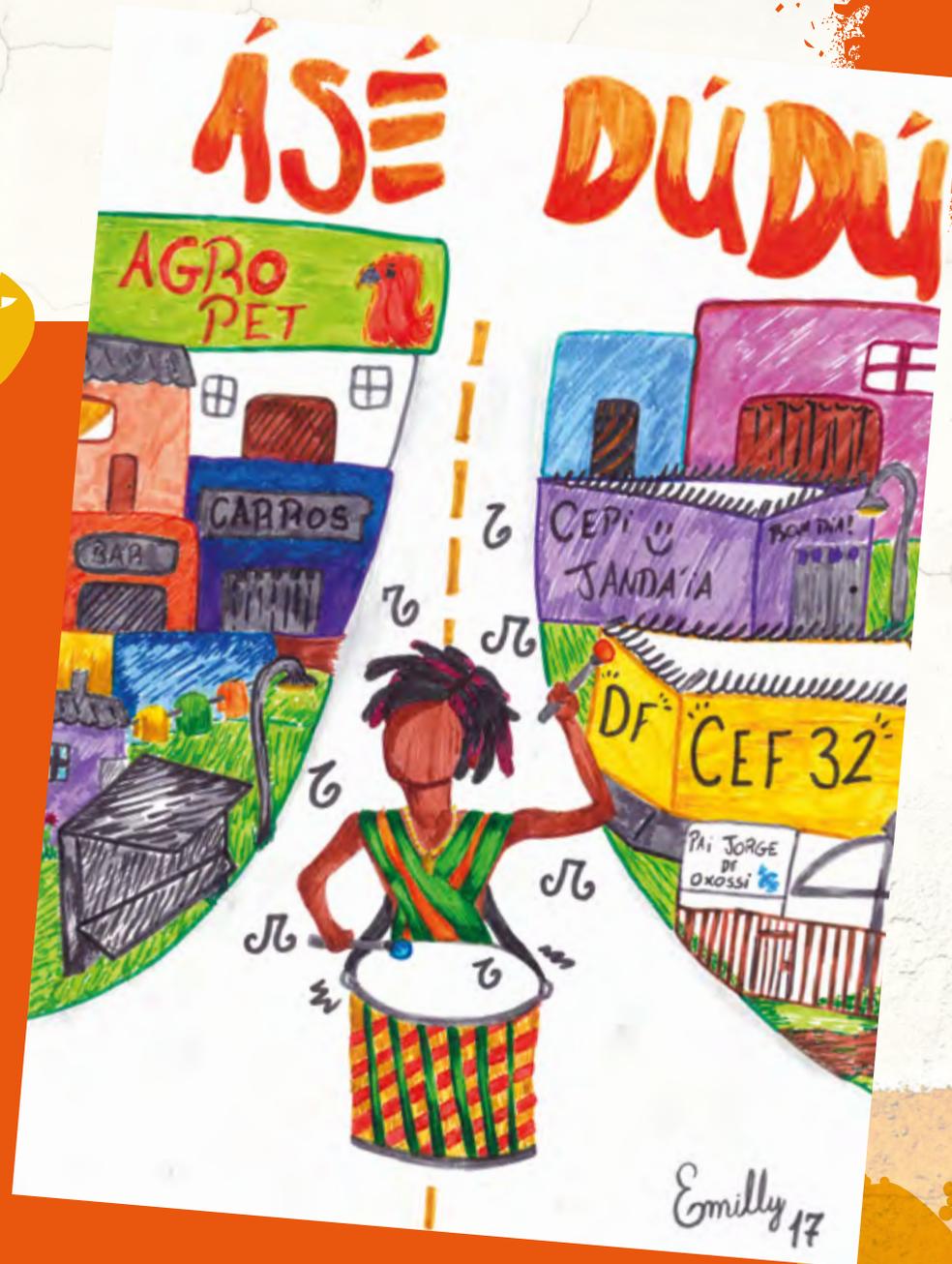
“... vou dizer o que eu mais gostei quando entrei pro Àsé DúDú, eu conheci novos amigos, eu adorei tudo, foi a melhor escolha da minha vida ter entrado pro ÀSÉ DÚDÚ. O que eu mais gostei também foi o Carnaval, eu me diverti muito e fiquei muito feliz.”

Jorge Matheus, 14 anos

Olá! meu nome é Emily Costa e
Tenho 17 anos, faço parte do grupo cultural Air' di di di.
Comecei a participar desse grupo aos 5 anos de idade, e desde então
Tenho aprendido e trabalhado como percussionista. Sempre tive di-
ficuldade com a minha coordenação motora e com a timidez
de ser criança, porém, depois que fiz parte do grupo, melhorei
muito graças as diversas coisas na qual o Air' di di di trabalha
como a coreografia que faço parte e que ajudou bastante na coor-
denação motora, assim como nas oficinas de dança que dentro
Outra atividade, assim como e ritmos que a própria cultura
afro-brasileira traz. Em relação à timidez, no início foi um
desafio muito grande para mim estar sempre tendo com o
público, mas graças ao apoio dos meus professores, da marujada
e de ser o apoio de quem me assiste, me sinto feliz de fa-
zer outra pessoa se divertir e contribuir algo que passei
a viver. Assim me ajudou a melhorar minha presen-
ça no coletivo na coordenação motora, e no teatro com
isso me sinto confortável e seguro tranquilamente no palco.
Tive o apoio maravilhoso de muitos professores e claro, mas sim-
to que foi mais fácil de trabalhar graças a isso. E de tam-
bém conhecer cada dia mais a cultura afro-brasileira que
nosso país tem e traz em sua história. Eu e meus amigos con-
tinuamos a contribuir lugares novos e agradecer por
receber todo o acolhimento e coisas que foram de grande ajuda.
Tudo foi um aprendizado de que quero transmitir sobre
minha dentro desse grupo percussionista que chamamos de família,
um grande abraço a todos e até logo!

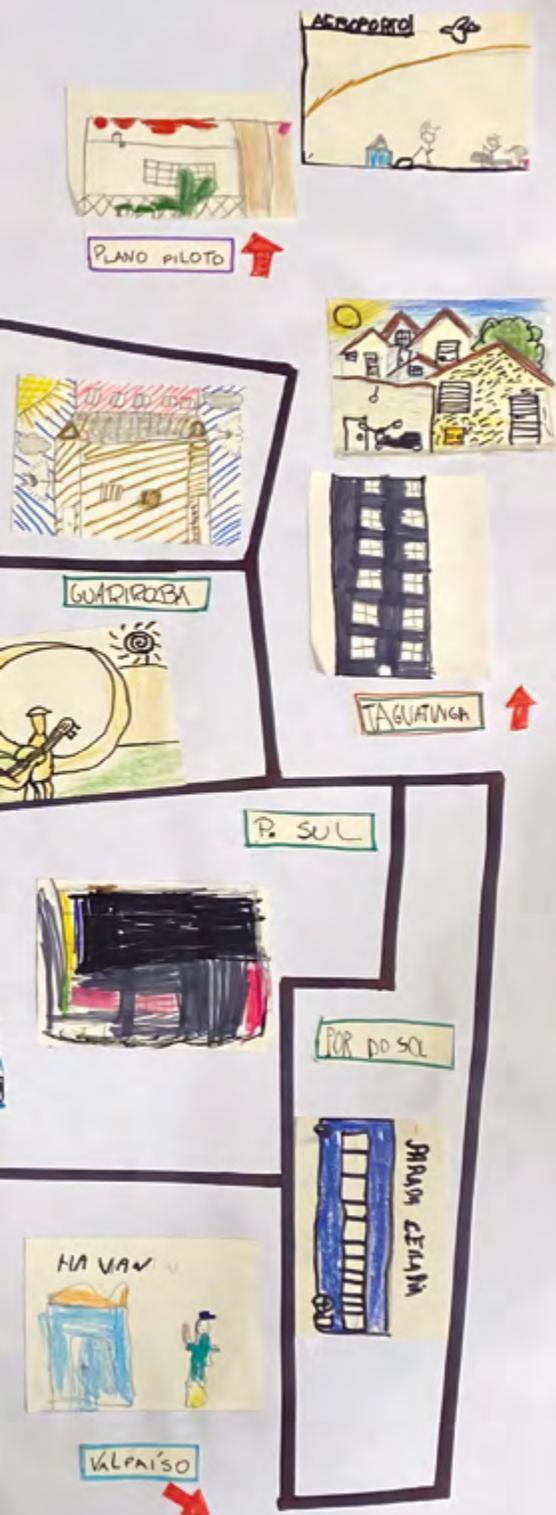
“Comecei a participar desse grupo aos 5 anos de idade, e desde então tenho amado e melhorado como percussionista... Em relação à timidez, no início foi um desafio muito grande para mim sentir aquela pressão toda com o público, mas graças ao apoio dos meus professores, da maestrina e de ver a alegria do povo que nos assistia. Me sinto feliz de fazer outras pessoas se divertirem e conhecerem algo que passei a amar tanto. Até me ajudou a melhorar minha performance no voleibol na coordenação motora e, no teatro, consigo me sentir confortável e seguir tranquilamente no palco... E também de conhecer cada dia mais a cultura afro-brasileira que nosso país tem e traz na nossa história.”

Emilly Cristina, 17 anos



MINHA QUEBRADA CEILÂNDIA





CEILÂNDIA, MINHA QUEBRADA

MAPA COLABORATIVO EXECUTADO PELA
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ROEDORES DE LIVROS
E CRIANÇAS:

1. LUIS FELIPE DOS SANTOS FERRAZ, 11 anos.
2. SAMUEL KALLEBE BEZERRA, 12 anos.
3. Anna Cecília Marques dos Santos, 10 anos.
4. ARTHUR NICOLAS MESSIAS SANTOS, 8 anos
5. DEYVID KAVÊ LIMA DOS SANTOS, 6 anos
6. KAIO CÉSAR MOREIRA SILVA, 10 anos
7. MARIA CLARA RIBEIRO RIBELO, 6 anos
8. ISAAC BERNARDES FERREIRA, 6 anos
9. GABRIEL LIRA PAIXÃO AMARO, 9 anos
10. ENZO GABRIEL ALVES DE CARVALHO, 10 anos
11. MIGUEL LORENZO SANTOS AGUIAR, 7 anos
12. MIGUEL AZEVEDO CASTRO, 8 anos.
13. ANA SOPHYA ALCANTÁRA DE ARAUJO, 7 anos
14. LUIS MIGUEL ALVES, 6 anos.

UMA HISTÓRIA DE DESCOBERTAS E PERTENCIMENTO NA BIBLIOTECA ROEDORES DE LIVROS

A Biblioteca Comunitária Roedores de Livros é um lugar mágico onde o amor pelos livros floresce e a transformação social se torna realidade. Aqui, acreditamos que a leitura pode despertar a criatividade e formar leitores críticos, capazes de ver o mundo de maneira diferente. Nossa missão é simples, mas poderosa: promover o acesso ao livro literário e cultivar o prazer em ler. E, para fazer isso, precisamos abordar a diversidade racial e cultural que nos cerca.

Segundo Freire (2005), a educação precisa estar ligada à realidade local dos estudantes para promover uma conscientização crítica. E Bronfenbrenner (1996) nos lembra de que o desenvolvimento das crianças é profundamente influenciado pelo ambiente em que vivem. Por isso, o reconhecimento do espaço local é essencial na construção de suas identidades.

Contexto e Impacto

Nossa aventura começa na Ceilândia, uma Região Administrativa do Distrito Federal. Aqui, muitas famílias enfrentam desafios em termos de emprego e inclusão social, econômica e cultural. Os índices de formação escolar e profissional são baixos, e a criminalidade é uma preocupação constante. A falta de atividades esportivas, educativas e culturais para as crianças contribui para esses problemas (Codeplan, 2021; IBGE, 2020).

Ceilândia foi criada em 1971 como parte de um plano do governo para remover favelas do Plano Piloto e transferir a população de baixa renda para áreas periféricas. A comunidade teve que lutar pela sua identidade e direitos, e, ao longo dos anos, essa resistência gerou uma rica cultura local. Hoje, Ceilândia é conhecida por sua vibrante cena cultural, com manifestações de música, dança e arte urbana. Eventos como o Ceilambódromo e iniciativas

comunitárias destacam a resiliência e a identidade cultural dos moradores.

Milton Santos (2006) nos ensina que o espaço é um conceito dinâmico, onde técnica, política e cultura se entrelaçam. Mas muitos habitantes, especialmente crianças, não conhecem profundamente a história e a geografia locais. E é aí que nossa biblioteca entra em cena, usando a mediação de leitura para conectar as crianças à sua comunidade e fortalecer seu senso de pertencimento.

Metodologia: Uma Jornada de Descoberta - Mediação de Leitura

Começamos nossa atividade com a mediação de leitura dos livros *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior e Vanina Starkoffe (Editora Companhia das Letrinhas), e *Ceilândia, Minha Quebrada É Maior Que o Mundo*, organizado por Ana Carolina Lessa Dantas (Iphan). Durante a leitura, incentivamos as crianças a reconhecer os locais retratados nas imagens. Observamos que, embora estivessem familiarizadas com pontos como supermercados e a feira popular, poucos mencionaram importantes equipamentos culturais, como a Casa do Cantador e a Caixa D'água. Essa descoberta revelou uma

lacuna significativa no reconhecimento de símbolos culturais e históricos locais.

Mapeamento da Região Administrativa de Ceilândia

Com base nessa observação, propusemos uma discussão aprofundada sobre a Região Administrativa (RA) de Ceilândia. Usamos um mapa simplificado para apresentar os principais setores da cidade, como Ceilândia Norte, Ceilândia Sul, Ceilândia Leste, Guariroba, P. Norte, P. Sul, Setor O e Expansão do Setor O. Áreas adjacentes como Sol Nascente, Pôr do Sol e Taguatinga também foram destacadas. Pedimos às crianças que localizassem suas residências no mapa com adesivos coloridos e compartilhassem suas vivências e impressões sobre a região.



Desenhos e Representação Pessoal

A próxima etapa da nossa jornada foi ainda mais divertida. Pedimos que cada criança desenhasse sua casa e um elemento significativo nas proximidades, como um parque, um campo de futebol ou uma biblioteca. Para aumentar o engajamento, introduzimos um concurso de desenhos para a capa do livro *Projeto Coletivos*, o que gerou grande entusiasmo entre as crianças.

Atividades Complementares

Na semana seguinte, retomamos as atividades com a leitura do livro *Em Frente à Minha Casa*, de Marianne Dubuc (Editora WMF Martins Fontes). A obra descreve uma casa com uma roseira na frente, um passarinho pousado debaixo de uma janela aberta para um quarto e muitos outros detalhes. Esse exercício incentivou as crianças a refletir sobre suas próprias casas e arredores. Usando um flipchart, registramos os locais mais conhecidos de Ceilândia e próximos às residências das crianças. Desafiamos cada uma a desenhar sua casa e escolher um desses locais para adicionarmos ao nosso mapa colaborativo.

Resultados e Discussão

No início, algumas crianças mostraram resistência em fazer os desenhos, alegando desconhecimento

dos locais mencionados. No entanto, à medida que avançavam na atividade, a empolgação cresceu, resultando em maior envolvimento e criatividade. Observamos que a familiaridade com pontos comerciais de referência, como supermercados e a feira popular, mostrou-se inversamente proporcional ao convívio com os espaços locais de arte e cultura.

Esse movimento demonstra que o direito de fruição de bens culturais, apontado há meio século por Candido (1995) como fator decisivo de humanização, ainda está longe de ser completamente atendido – embora seja amplamente beneficiado por iniciativas comunitárias como a nossa.

Esse processo de descoberta e reconhecimento não apenas ajudou as crianças a conhecer melhor sua região, mas também fortaleceu seu senso de pertencimento e identidade local. Além disso, a atividade despertou um interesse renovado pela leitura e pela exploração do ambiente ao seu redor.

Conclusão

Essa série de atividades de mediação de leitura demonstrou que a educação e a cultura podem ser ferramentas poderosas para a construção de



identidades e para o fortalecimento comunitário. Ao explorarem e representarem seus espaços pessoais e coletivos, as crianças puderam se reconhecer como parte de uma comunidade rica em diversidade e

cultura. A Biblioteca Comunitária Roedores de Livros continuará a desenvolver projetos que promovam o conhecimento local e o engajamento comunitário, fortalecendo os laços das crianças com seu entorno.



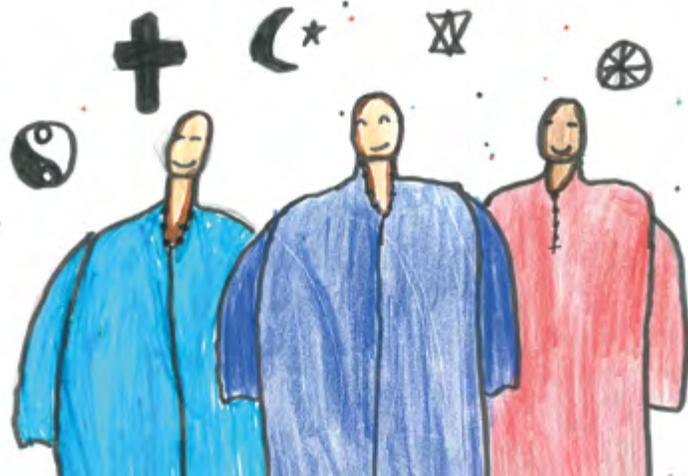
REFERÊNCIAS

- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CODEPLAN DF. *Relatório socioeconômico de Ceilândia*. Brasília, 2021.
- DANTAS, A. C. L. (org.). *Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo*. Brasília: Iphan, 2020.
- DUBUC, M. *Em frente à minha casa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Dados estatísticos de Ceilândia*. Brasília, 2020.
- JÚNIOR, O.; STARKOFFE, V. *Da minha janela*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Não há felicidade
sem diversidade



RESPEITO
NÃO TEM COR,
TEM CONSCIÊNCIA!



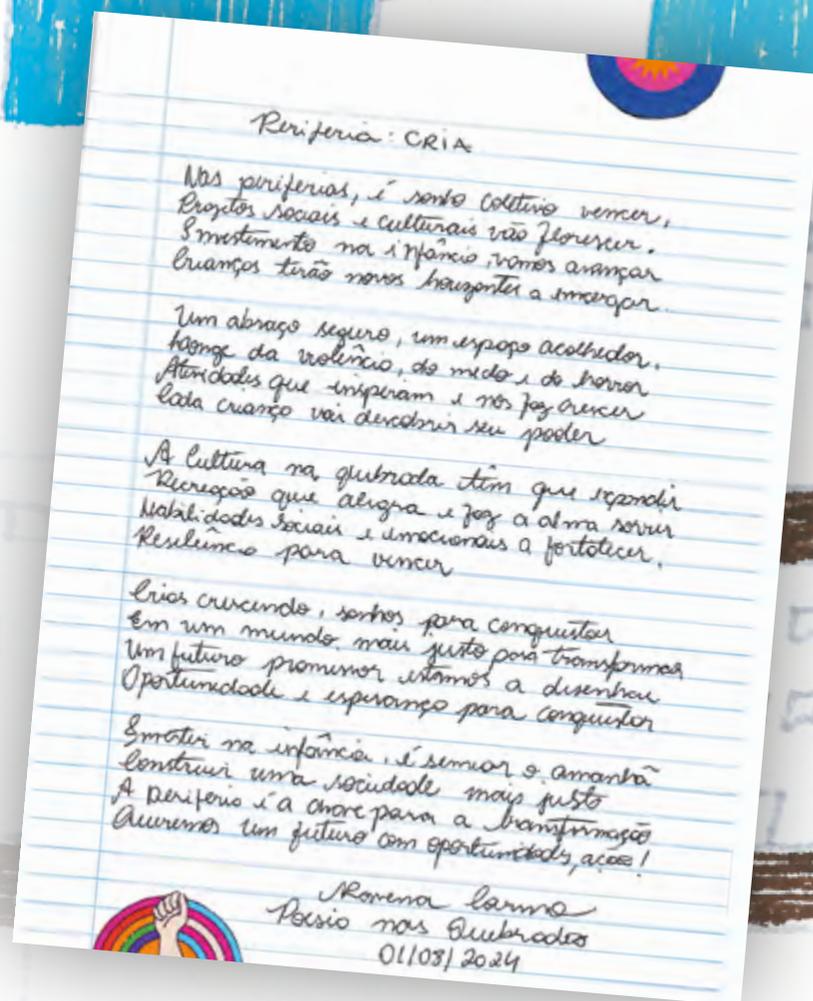
PERIFERIA: CRIA

Nas periferias, é sonho coletivo vencer,
Projetos sociais e culturais vão florescer.
Investimento na infância, vamos avançar,
Crianças terão novos horizontes a enxergar.

Um abraço seguro, um espaço acolhedor,
Longe da violência, do medo e do horror.
Atividades que inspiram, e nos faz crescer,
Cada criança vai descobrir seu poder.

A Cultura na quebrada tem que expandir,
Recreação que alegra e faz a alma sorrir.
Habilidades sociais e emocionais a fortalecer,
Resiliência para vencer.

Criar crescendo, sonhos para conquistar,
Em um mundo mais justo para transformar.
Um futuro promissor, estamos a desenhar,
Oportunidade e esperança para conquistar.



Investir na infância é semear o amanhã,
Construir uma sociedade mais justa.
A periferia é a chave para a transformação,
Queremos um futuro com oportunidades, ação!

**Ravena Carmo, fundadora do
coletivo Poesia nas Quebradas**

RI| GRANDE D| SUL - Brincar

Introdução

Temos aqui agentes da transformação, coletivos que se propõem estar presentes na periferia para melhorar a realidade do ser criança e adolescente no Brasil. Os coletivos multiplicam ações pela preservação das infâncias nas comunidades, pois entendem o fazer como processo de cura e como ato político!

Movidos pela transformação, os coletivos são lideranças e neles as crianças se identificam, se inspiram e podem se referenciar. A periferia salva a periferia! Faz toda a diferença ter a participação de você leitor neste diálogo que apresenta o imaginário construído nas periferias para a proteção das crianças e dos adolescentes.

O TERRITÓRIO DO BRINCAR: CONEXÕES COM A NATUREZA E A COMUNIDADE

Agora, leitor, que você percorreu alguns caminhos, vamos te levar a uma cidade onde lagoa e rio se fundem em um só, dividida entre “continente” e ilhas. Muitos caminhos nos levam a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, cada um oferecendo uma perspectiva única. Nesta jornada, chegaremos à cidade através de três coletivos que atuam em áreas distintas, mas compartilham a missão de integrar a natureza e o brincar para construir vínculos com o território.



Alexander Kleine

Ana Beatriz Luz

César Camargo

Cristiane de Freitas

Gabriela Brasil Severgnini

João Vasconcellos

Marina Mergulhão

Mario Prati

Marion dos Santos

Mirian Dagmar Oliveira Eilert

Viviane Henrique Peixoto



Ao chegarmos, somos recebidos por uma cidade com ruas arborizadas em que arquitetura contemporânea e histórica estão lado a lado. As margens do Lago Guaíba oferecem um lindo entardecer, quando o céu se tingiu de cores quentes, nutrindo encontros alimentados por alegria.

Ao caminharmos pela cidade, nos deparamos com diversas praças, onde adultos e crianças se encontram para descansar, brincar, conversar, praticar atividade física e tantas outras coisas. Porto Alegre, com seu centro tão conhecido por prédios históricos e edificações antigas, tombadas que se tornaram museus, pulsa cultura também na periferia. Uma cultura alegre, cheia de vida, saberes e pronta para nutrir cuidado e afeto.

Ao romantizarmos nosso olhar para a cidade, não nos esquecemos dos infortúnios que também nos assolam. O evento climático extremo ocorrido em maio de 2024, que impactou 90% das cidades do Estado e afetou mais de 2,34 milhões de pessoas (IBGE, 2022), causou dor e destruição imensas no Rio Grande do Sul. Essa calamidade, junto a outros eventos climáticos que ocorreram entre a segunda metade de 2023 e o início de 2024, é resultado

de anos de destruição da natureza, descaso, desmonte de leis ambientais e negligência. Em meio à calamidade climática, a solidariedade e a resiliência da população aumentaram a visibilidade das iniciativas comunitárias que lutam diariamente para combater as vulnerabilidades sociais, potencializando uma rede de colaboração que movimentou não apenas o Rio Grande do Sul, mas todo o Brasil, em prol de minimizar a devastação ocorrida no Estado.

Não podemos negar que a natureza busca seu espaço de volta, e os modos de ocupar a cidade precisam ser revistos. Os impactos causados por esses eventos não são mais vistos como ocasionais ou cíclicos, mas como resultado de uma construção de cidade e sociedade que negligenciou a presença e a força da natureza, assim como a memória e a história coletiva.

É nesse contexto que apresentamos lugares e pessoas na cidade que vêm se dedicando para que outros modos de habitar e ocupar o território sejam reais e possíveis, seja em épocas de catástrofe, seja na batalha do dia a dia. Isso se dá a partir da construção de vínculos, da escuta, do cuidado, e tudo isso por meio do brincar e da relação com a natureza.

Vamos caminhar por esses lugares?

Ao chegarmos ao nosso primeiro destino, nos deparamos com um grande muro branco com dois portões. Entramos pelo menor, destinado aos pedestres, e nos deparamos com uma casa, também branca. Ao olharmos para o lado, um vislumbre do que nos aguarda é permitido: o início de uma área de mata muito verde e um caminho que, ao ser seguido, nos leva a uma construção rústica de madeira. Amplas janelas e uma grande porta nos convidam a entrar. Chegamos à Biblioteca Comunitária do Arvoredo.



Essa não é uma biblioteca como você deve estar imaginando: um lugar de silêncio, sóbrio, onde o cair de um lápis pode gerar eco. Não, essa é a Biblioteca Comunitária do Arvoredo, e isso quer dizer aconchego, afeto, risadas, gargalhadas, brincadeiras, tapetes e almofadas, paredes coloridas e estantes recheadas de livros em forma de portais que te levam a outros universos. Há dias em que encontramos as crianças brincando na mata; em outros, jovens contando suas próprias histórias ou lendo sob a sombra das árvores. Também há momentos em que a mediadora te aguarda, pronta para uma boa conversa, que pode ser sobre literatura ou sobre a vida ou, melhor ainda, sobre como vida e literatura são próximas.

E por falar em proximidade, caro leitor, agora você será transportado para dentro de uma caixinha lambe-lambe. Lá, ficaremos todos bem juntinhos para conhecer o lado lúdico dessas pequenas caixas de teatro de bonecos em miniatura e seu processo artesanal, que viabilizam minutos de sonho e sensibilidade, aproximando as pessoas.

Essa arte é feita pelo Coletivo de Teatro Lambe-Lambe Caixa de Pandora, que busca levar esperança



e conforto às pessoas com espetáculos que aquecem o coração, geram alegria e inspiração por meio da fantasia, vinculada às ideias de um mundo ideal de afeto, ternura, compaixão, empatia e riqueza espiritual de amor à vida. Cada pequeno universo criado dentro dos lambe-lambes proporciona mais paz, amor e envolvimento entre o público e os artistas, que visualizam o mesmo espetáculo por diversos ângulos.

Construído com o aproveitamento dos objetos jogados fora, aquilo que o capitalismo descarta e entende como lixo reconforta. Mas pensar que o trabalho com uma ideia ecológica utiliza o teatro de formas animadas é sabidamente insuficiente (são as forças sociais os grandes motores das transformações políticas). Queremos dizer que, para além disso, trabalhamos com o precário, com os objetos sendo objetos e também transformados em ações artísticas: um monstro de plástico, uma vovozinha de lã, um carro de caixa de leite. Assim como muitas infâncias empobrecidas economicamente também fazem.

As crianças brincam, querem brincar e precisam brincar. O Teatro Lambe-Lambe é arte e brincadeira, é um teatro em miniatura feito para um espectador por vez. Essa modalidade do Teatro de Animação é feita para o

encontro entre o artista e quem assiste; as crianças ficam próximas, espiam o espetáculo e depois descobrem como ele é feito, e se surpreendem ao perceberem que uma caixa de papelão virou uma casa de cachorro ou que tampinhas de garrafa, caixas de fósforos, palitos de picolé podem virar objetos cenográficos e personagens da minicasa de espetáculo. Esse é um teatro feito para todos, crianças de todas as idades, e que pode ser criado sem distinção de classes, já que os materiais podem ser encontrados em recicláveis e ressignificados. Assim, esse pequeno teatro pode fazer a diferença para a natureza, atenuando delicadamente o acúmulo de lixo e respeitando-a, além de proporcionar alegria às crianças que brincam.

Você deve estar percebendo aí que dentro da caixinha, por meio da arte, crianças e adultos se divertem, sorriem, fantasiam e brincam. Seus olhos brilham, transbordando o sentimento de esperança em busca de um futuro melhor.

O cenário agora se transforma. As pequenas caixas nos transportam para outro espetáculo, desta vez na Vila Pedreira, uma comunidade situada no bairro Cristal, onde anteriormente havia atividades de extração de pedra. Nosso destino específico é a Pracinha da

Pedreira, um espaço criado apenas com elementos da natureza e construído pelas mãos de muitas pessoas, mas principalmente das crianças!

A pracinha surgiu não apenas com o objetivo de criar um novo ambiente de brincar na comunidade, mas também para simbolizar o poder transformador da união entre infância e natureza. Esse espaço, onde a natureza convida a brincar e desfrutar, promove a construção de laços de aprendizado, respeito ambiental e celebração comunitária. É um lugar vivo, dedicado ao livre brincar.

Essa é uma das atividades promovidas pelo A Pezito nos locais onde atua. Desde as experimentações na cozinha comunitária da Associação de Moradores Força Maior da Pedreira, onde as crianças aprendem sobre ecologia, segurança alimentar e promoção de práticas sustentáveis, até as caminhadas exploratórias pelas ruas e becos da Pedreira, elas têm a oportunidade de descobrir, investigar e se apropriar do território em que vivem. Através dessas experiências, o A Pezito incentiva o protagonismo infantil, permitindo que as crianças se tornem agentes ativos de mudança, desenvolvendo responsabilidade e conexão com sua comunidade.

Agora que conhecemos um pouco mais sobre os coletivos, podemos perceber que todos esses lugares são espaços de proteção, sejam eles físicos específicos ou ocupando a cidade. Eles estão alinhados com a escuta ativa-afetiva, que considera a história sociocultural, tanto do coletivo quanto do indivíduo. Um de seus propósitos é o combate ao racismo, ao machismo, à homofobia, à transfobia e outras formas de violência e discriminação. São espaços de troca e escuta, em que as pessoas, e principalmente as crianças, podem conversar e se expressar livremente, pois se sentem acolhidas e respeitadas pelo que são.

O desemparedamento oferecido por esses espaços é tão significativo e intenso que abraça a comunidade, as escolas de educação infantil e os serviços de assistência e saúde, tornando-se uma extensão desses ambientes. Eles propiciam uma experiência saudável, conectando os sentidos à natureza e unindo a necessidade do concreto ao lúdico. Constroem relações com os pés no chão, olhos e ouvidos atentos, despertados pela curiosidade do que há adiante, escondido entre as árvores. Assim, são criadas histórias, memórias e lembranças que permanecem no imaginário, guiando nossas direções para trilhar





caminhos que valorizam a importância do brincar, do contato com a natureza e da vida em comunidade.

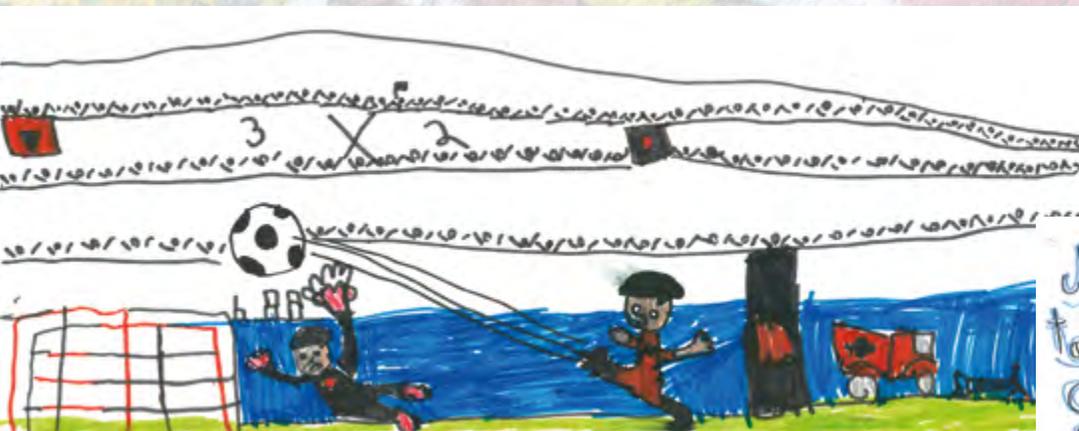
À medida que os coletivos projetam o futuro de Porto Alegre, vislumbram uma cidade resiliente e sustentável, em que iniciativas como as apresentadas aqui possam se multiplicar e fortalecer. Idealizam uma comunidade unida que utiliza o território de forma consciente e colaborativa, oferecendo às crianças oportunidades para explorar, aprender e se desenvolver plenamente.

Com o objetivo de proporcionar um ambiente seguro e enriquecedor para o desenvolvimento infantil, esses

coletivos encaram a natureza como um espaço de aprendizado e transformação. O papel do brincar, da cidade e da natureza no desenvolvimento infantil é fundamental, abrangendo aspectos que vão além do físico e cognitivo. O espaço urbano deve oferecer oportunidades para as crianças explorarem, experimentarem e interagirem com o meio. O brincar ao ar livre estimula o desenvolvimento cognitivo ao desafiar as crianças a explorar novas ideias. Além disso, a natureza proporciona uma riqueza de estímulos sensoriais que contribuem para o desenvolvimento emocional, permitindo a criação de vínculos afetivos com o entorno e uma compreensão mais profunda do mundo. Integrar o brincar na cidade e na natureza promove um desenvolvimento infantil holístico, que valoriza o bem-estar físico, cognitivo e emocional das nossas crianças.

Ao apresentarmos a cidade através do trabalho dos coletivos, que representam não apenas a si mesmos, mas também tantos outros que trabalham por uma sociedade mais equânime, vemos nossa ação como um trabalho de formiguinha. Passo a passo, buscamos coletivamente transformar almas e pensamentos. É como a função do semeador, que com carinho planta vida em terra fértil!





A importância de ter umas Bonecas
 todos são
 Diferentes



Negras na Infância

Racismo não é Legal.



MARINA

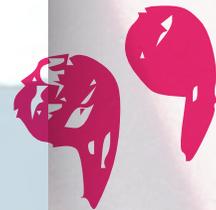
9 anos





Sob a sombra das árvores,
Onde os sonhos são alimentados
A infância cultivada e alimentada
Protegida por espíritos arteiros, certos
Que correm pela mata
Alimentando a esperança
Mesmo nos dias mais sombrios;
Crianças atentas, sedentas
De curiosidade,
Pelo novo,
Pela descoberta,
Aprendem a descobrir novos mundos.
Nos livros fazem descobertas
Despertam

Gabriela Brasil



APRENDA A PRODUZIR UM LIVRO COM O COLETIVO BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ARVOREDO

Você vai precisar de

Livros de referência (poesia, conto, crônica) | Folhas A4 e A3 | Canetinhas | Lápis de cor | Lápis de escrever | Borracha | Cola | Folha colorida | Tesoura

Atividade

Clube de Produção Literária

Objetivo

Apresentar aos jovens e aos adolescentes a cadeia produtiva do livro a partir da mediação de leitura e produção de um livro/fanzine com escrita autoral.



Como é feita?

O clube é feito em 11 encontros com uma hora de duração, sendo 15 minutos reservados para a socialização das produções.

Encontros 1 a 4

Nos primeiros encontros, apresente contos, crônicas e poesias da literatura infantil e marginal, e proponha que experimentem a escrita nos gêneros abordados. Neste momento, não nos preocupamos com a gramática normativa, o importante é que falem o que estão sentindo, quais as vivências que os marcam e se permitam ser criativos.

Encontro 5

Neste momento, peça que construam ilustrações para as escritas para perceberem que texto e desenho são complementares e podem demonstrar coisas que não conseguimos apenas com uma das expressões.

Encontro 6

Ao chegar ao sexto encontro, organize um bate-papo com escritores do território, tente convidar autores que fizeram parte do acervo nas atividades teóricas. Essa aproximação é um estímulo para o desenvolvimento da escrita e para elevação da autoestima, pois são pessoas que os jovens e adolescentes têm vivências semelhantes.

Encontros 7 e 8

Retome as atividades escritas conforme o gênero que mais lhes agrada, podendo trabalhar em coletivo, aliando literatura e ilustração.



Encontros 9 e 10

Tais encontros destinam-se à compilação do material produzido, organização e estruturação de fanzine com as produções dos jovens.

Encontro final, 11

O último dia é de compartilhamento e confraternização! Proponha um bate-papo para trocarem impressões sobre o curso e reserve um tempo para a sessão de autógrafos, de modo que cada jovem saia com um volume da construção coletiva.



APRENDA A EXPLORAR O TERRITÓRIO COM O COLETIVO A PEZITO

Você vai precisar de

Diário de Caminhada em folha A3 |
Tesoura | Prancheta | Canetinhas |
Lápis | Lanche

Atividade

Diário de caminhada

Objetivo

Realizar um mapeamento afetivo do território através de visualização em mapa e em desenhos, explorando como as crianças percebem seus espaços cotidianos.

Como é feita?

Acolhida | 20 minutos

Receba as crianças com uma música ou uma contação de história relacionada ao tema do dia.



Sensibilização | 30 minutos

Organize as crianças em roda e inicie uma conversa aberta sobre o tema da atividade.

Pergunte se sabem o que é um mapa: se já viram antes, como imaginam que seja e o que pode estar representado nele. Faça perguntas sobre os trajetos que percorrem no dia a dia, incentivando-as a expressar suas percepções e a conversar entre si. Escute atentamente suas respostas.

Em seguida, coloque um papel grande com o mapa do território no centro da roda. Certifique-se de que o mapa seja de leitura simples e já tenha marcado alguns pontos de referência, como o local onde estão, a escola, uma associação de moradores, entre outros.

Convide as crianças a identificar outros pontos de referência: suas casas, a venda local, a rua onde brincam ou qualquer outro lugar importante na comunidade. Elas podem usar post-its, adesivos ou pins para marcar esses pontos.

Escolham juntos um trajeto para a caminhada que inclua alguns desses pontos, focando em espaços e equipamentos públicos, e áreas de brincar. Esteja atento ao tempo disponível para a caminhada, para que o percurso não seja muito longo! Por fim, marque com canetinha ou hidrocor esse trajeto no mapa.

Montando o diário de caminhada | 10 minutos

Cada criança receberá uma folha A3 com o mesmo mapa no verso, e na frente, perguntas para que observem durante a caminhada. Esta folha possui uma dobradura especial que, ao final, se transforma em um diário de caminhada.

- Para aprender a fazer esta dobradura, escaneie o QR Code abaixo:



- Acesse aqui um modelo do diário de caminhada:



Bora pra rua | 30 minutos

Distribua uma prancheta e uma canetinha para cada criança e vamos pra rua!

Os mediadores da atividade irão guiar o grupo pelo caminho escolhido com as crianças. Estimule-as a perceber o ambiente ao redor e faça pausas ao longo do percurso para que possam escrever e/ou desenhar no diário.

Encerramento | 20 minutos

Após retornarem, conduza uma atividade de relaxamento com as crianças. Em seguida, promova uma conversa sobre a experiência: pergunte o que acharam, o que observaram ao longo do caminho e deixe espaço para que as crianças compartilhem o que desenharam em seus diários.

Ao final, ofereça um lanche coletivo para celebrar a atividade do dia.

UM CONVITE DA LUA

Por Kátia Moscone, integrante do coletivo Caixa de Pandora. Ilustrações de João Vasconcellos, integrante do coletivo Caixa de Pandora

“Tenho fases, como a lua [...]
Tenho fases de ser tua,
Tenho outras de ser sozinha.”

- Cecília Meireles

Era a primeira vez que eu entrava no camarim de uma artista. Menina adolescente, eu, cheia de ideias e expectativas. Enquanto ela não chegava, fiquei espiando o cenário: uma mala antiga, abarrotada, um painel de metal com as ferramentas de seu ofício, um vaso de plantas, uma prateleira repleta de esculturas de bichos e outros seres abstratos. Ao fundo, uma cadeira de espaldar alto, com arabescos em metal, se voltava para uma imensa porta-balcão de vidro. Eu adentrava num reino mágico.



Uma música suave, tocada ao violão apaziguou os meus ânimos. Alguém apareceu, não a artista, não ainda, mas o seu adorável gato negro. Eu não posso ver um gato que já fico com vontade de agarrar e beijar. Pensei no Bergamota, lá longe, em casa, e senti uma fisgada de saudade. O gato negro olhou na minha direção e continuou se movimentando com muita intimidade pelo camarim. Começou a ronronar, e então ela entrou.

Era linda, alta, imponente, com seus cabelos de prata revoltos pelo ar. Não se voltou para mim, caminhou diretamente para o gato que ronronava cada vez mais alto. Ela me pareceu um pouco melancólica, talvez, ou apenas pensativa. Sua mão esquerda pousou na





cabeça do gatinho, e eles ficaram ali, só os dois, sem espaço para mais ninguém. O gato movia a cabeça em deleite, suas patinhas pareciam querer abraçá-la. Mas ela se desvencilhou do abraço e se postou diante da porta-balcão. Silenciosa, imóvel, parecia querer alcançar o Desconhecido.

Eu fiquei com vontade de dizer que estava ali, por ela, mas não podia quebrar o encanto. Tratei de permanecer estática, as mãos nervosas agarrando o banquinho

de onde a observava. Por fim, a artista se sentou na cadeira de arabescos e pareceu desfalecer. O gatinho, desesperado, fez de tudo para chamar sua atenção. Ele empurrou seu braço com a cabeça, deu patadas, olhava para os lados como que pedindo ajuda. Eu queria gritar, correr em seu auxílio, então Ela apareceu. E fui surpreendida mais uma vez.

Uma Mão gigante entrou em cena e levou a artista embora. Numa questão de segundos o camarim foi dominado por nuvens (o gatinho se escondeu atrás

de uma delas) e a Mão depositou a artista de volta, quer dizer, uma nova versão dela, mais leve, etérea. A mulher parecia não saber onde estava, pisou as nuvens com cuidado, borboletas a rodeavam: um cenário de sonho.

A Lua despontou do céu, uma lua crescente, mágica, convidativa. A artista não hesitou, embarcou nela, e ambas partiram, distanciando-se pouco a pouco, para aventuras incríveis que só posso imaginar. Percebi que estava chorando. Afastei-me do olho mágico, para fora da caixinha de teatro lambe-lambe, e enfim pude contemplar o rosto em carne e osso dela. Ainda mais bonita, mais bruxa, mais fascinante. Gabriela Clavo y Canela.



APRENDA A PREPARAR UM ESPETÁCULO COM O COLETIVO CAIXA DE FANDORA

Você vai precisar de

Feltro e lã de cores variadas | Cola quente
| Tesoura | Olhos móveis de 10mm e de
15mm | Cartoplex

Atividade

Oficina de Dedoches ou Fantoches de Dedo

Objetivo

Os dedoches são valiosos no contexto educacional: esta atividade lúdica estimula a imaginação e a criatividade dos alunos.

Como é feita?

Primeiro passo

Entregue os quadrados de feltro e cartoplex para os próprios alunos riscarem e cortarem seus dedoches. O molde do dedoches é construído a partir do risco do dedo indicador de uma pessoa adulta.

Segundo passo

Com as lãs de várias cores, ajude-os a fazer os cabelos. Use o fio enrolando em dois dedos (para cabelos curtos) e quatro dedos da mão (para cabelos longos), de 20 a 30 voltas. Depois, cuidadosamente, você retira





a lã dos dedos e amarra bem forte no meio. Reserve para colar na cabeça do dedochê.

Terceiro passo

Os olhos podem ser de feltros, mas as crianças gostam dos olhos “que se mexem”. Tenha à disposição dois tamanhos para que eles escolham entre dois olhos de tamanho pequenos ou um grande.

Quarto passo

Depois que escolherem as partes, devem levar até o responsável que irá fazer a montagem com cola quente na frente deles, tornando o momento especial e fazendo-os sentir que construíram o próprio dedochê.



Quinto passo

Quando o dedochê está pronto, inicie a brincadeira incentivando as crianças a criar suas próprias histórias, ensinando os movimentos com o boneco (técnicas de manipulação e dramaturgia). Sempre buscando usar o que acontece no dia a dia, de forma leve e mais fácil para eles.

Estimule a criatividade com perguntas como: “Qual vai ser o nome do seu novo amigo?”, “Que aventuras vocês vão viver juntos?”, “Já pensou na personalidade dele? Ele vai ser tímido, engraçado, desajeitado, serelepe?”.

A ideia é de que, durante a confecção do boneco, a criança já comece a criar vínculos com o seu novo parceiro de aventuras, tornando a brincadeira e a socialização mais prazerosa.

BAHIA - Memória

MÚSICA: MINHA
QUEBRADA;
FAMÍLIA TRÍPLICE

MINHA QUEBRADA
Tem de Tudo
QUER COLAR?
É SÓ CHEGAR
RESPEITO "ACIMA DE"
"TUDO"
Só Não Pode
VACILAR



PARA ACOLHER AS CRIANÇAS QUE HÁ EM NÓS, A CIA DE ARTES ELEMENTOS INSURGE COM SUA ARTE NEGRA

Por Juliana Monique, fundadora do Coletivo Cia de Artes Elementos

A Companhia de Artes Elementos é um coletivo de Salvador que se dedica profissionalmente às artes negrorreferenciadas. Foi instituída para romper o não lugar da pessoa negra em sociedade, buscando promover mudanças significativas na vida das crianças através da arte, tanto na nossa comunidade, o Quilombo Cabula, quanto em outras regiões que alcançamos com nosso trabalho artístico e pedagógico.

Somos pessoas negras comprometidas em reativar a memória africana e afro-brasileira. Desde a nossa fundação em 2010, desenvolvemos produtos culturais



que unem poéticas, estéticas e narrativas próprias, não é por coincidência que o nosso primeiro espetáculo *Pelos Olhos do Coração* foi uma apresentação infantil que tratou dos sonhos que o coração permite realizar.

Enquanto um coletivo negro, sentimos e sabemos que os *ibejis* e *erês* já pediam passagem para entrar em nossa caminhada. E como uma criança que nos dá a mão para atravessar a rua, elas e eles queriam nos guiar por um caminho de memória, da energia de quem cuida e brinca. Primeiro, por meio de textos para serem encenados por elas, depois, queriam mais, e, na descoberta de si, encontrávamos as nossas crianças.

A cada descoberta da nossa história e da nossa cultura, a cada experiência com o sagrado, a cada observação, nossos corações instigam histórias tão nossas, mas tão coletivas, e é nesse *continuum* que surgem os contos que inspiram o projeto *Awon Omodé*, uma série de criações e atividades artísticas que, ao afagarem as crianças interiores, alegravam as crianças da nossa comunidade ou de onde percorremos com a nossa existência.

A presença delas já estava presente em nós, e não pudemos prosseguir sem que *Kidenzi*, a nossa arte, nos autorizasse a cuidar das nossas crianças nas escolas. Por isso, deixamos as salas de ensaios e teatros para cuidar e ser cuidados por elas nas escolas. Nesse ambiente conflitante onde se forma e deforma, com base nas Leis 10639/03 e 11645/08, ultrapassamos os portões para apresentar uma liberdade inspirada nas memórias, no sentir e da arte negra.

Fomos às escolas, porque lá também é o lugar de ser, de ser e sentir, de ser e constituir-se, e assim mobilizamos nossa *Kidenzi* para cuidar das



crianças, para nutri-las com nosso axé, e emanarem-se do axé que elas têm a nos oferecer. Chegamos com nossa negritude para formar nosso quilombo e fazer o Quilombo Cabula de novo.

Alimentando-nos do melhor do que há em ser e fazer parte de uma comunidade, unimos-nos através da arte negra. Assim, nossas atividades pedagógicas nas sextas-feiras de Oxalá são pautadas nas músicas dos tambores, nos corpos dançando e criando vida, nas manifestações e teatralidades que têm marcado nossa memória de ser e fazer parte da comunidade.

Assim tem sido a trajetória e a memória da Cia de Artes Elementos, nutrindo os *ibejis* e *erês* e agradecendo pelas grandes conquistas que o trabalho com e para crianças tem nos proporcionado.

Adupé







MAIS RESPEITO

MAIS AMOR

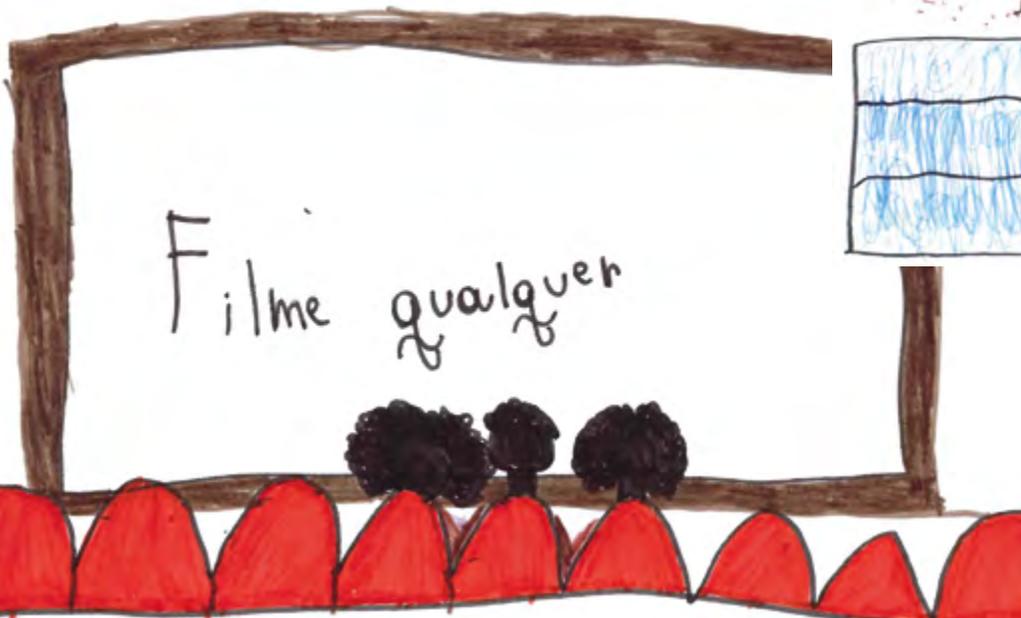
SEM PRECONCEITO

UM MUNDO MELHOR

POIS ONDE NÃO HÁ RESPEITO

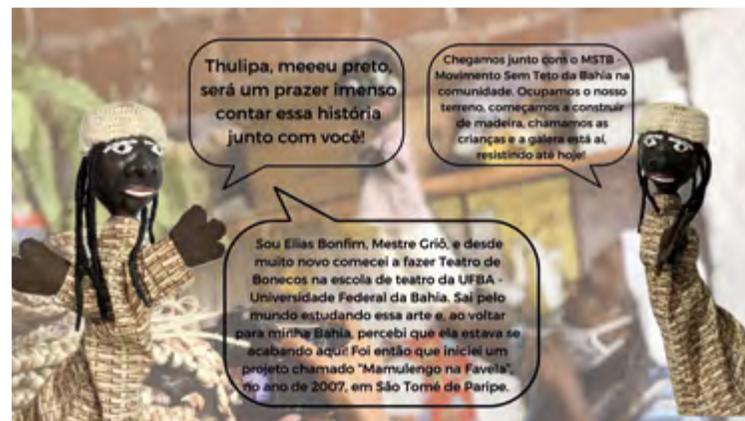
SEM TOLERÂNCIA

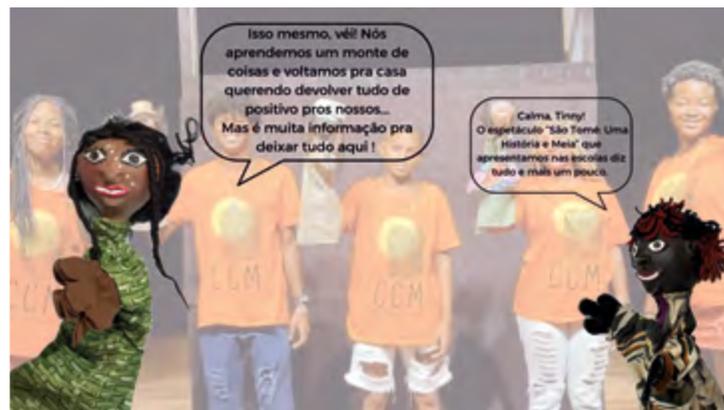
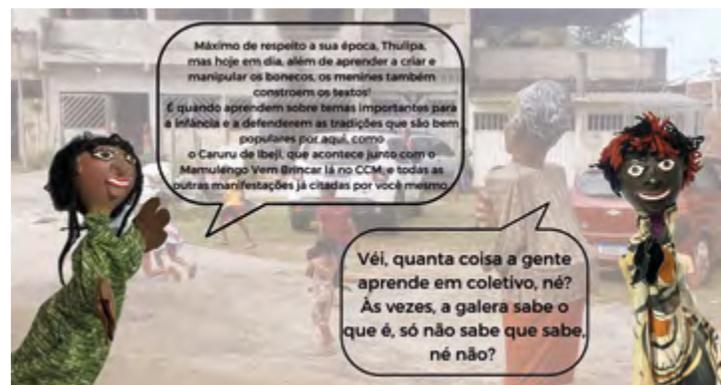
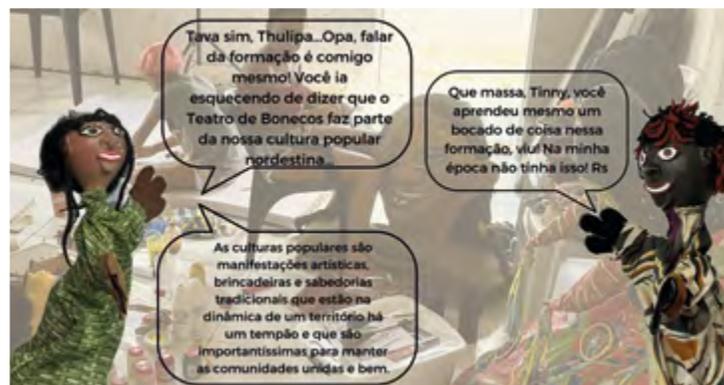
RELIGIOSA



SÃO TOMÉ: UMA HISTÓRIA E MEIA

Sobre-vivências em arte numa comunidade tradicional na periferia de Salvador





ENSAIO SOBRE A MEMÓRIA: UM DIREITO EM DISPUTA

Por João Gabriel Novaes Sanches,
integrante do coletivo Gaviões da Lua

“Sem a memória o indivíduo não tem identidade. A preservação da memória é condição cogente para a essência da continuidade histórica de um povo.”

- Scofield, 2016

Antes de falarmos sobre o direito à memória, primeiro, traremos algumas considerações: entendemos a memória como imagens do passado, produzidas pelo presente e para o presente; portanto a memória não é uma reprodução fiel sobre algum acontecimento do passado, mas sim uma percepção contaminada pela subjetividade do sujeito que está remembering.



A memória pode ser manifestada em diferentes formas, seja por meios mais “formalizados”, como a história (enquanto área de conhecimento científico baseada em teorias e métodos), ou de maneira menos formalizada, como crônicas, reportagens, artigos de opinião etc.

O fato de a memória ser uma imagem do passado, produzida pelo e para o presente, faz com que seja um elemento sempre em disputa na sociedade. Por conta dessas disputas, o direito à memória ainda é um tema relevante no Brasil, sobretudo quando falamos de culturas populares afro-brasileiras que

foram historicamente perseguidas e até mesmo criminalizadas. Devemos considerar também que, perante a sociedade, as manifestações de memória formais tinham uma maior “credibilidade” porque se baseavam em pressupostos teórico-metodológicos e uma suposta neutralidade científica.

Hoje sabemos que essa “neutralidade” almejada por historiadores e intelectuais do século XIX e início do século XX acabou sendo também uma forma de exclusão de determinadas camadas sociais da criação de uma memória para nosso povo. Ao usarem em suas pesquisas e investigações apenas documentos escritos, acabaram por ignorar que havia uma camada na sociedade (majoritariamente negros e indígenas) que não era sequer alfabetizada, e muito menos ocupava cargos de poder na sociedade que permitissem que estes também produzissem esses documentos.

Entretanto, apesar de estarem sistematicamente excluídos dessas estruturas formais de produção de documentos e memórias, as populações marginalizadas não estavam alheias à construção de memória, elas estavam organizadas em diferentes formas e estruturas, sendo a principal a oralidade.

A oralidade é um movimento basilar e até mesmo onipresente nas culturas e tradições populares, carregando também diferentes formatos entre si. A oralidade pode também ser compreendida como uma das manifestações da memória, principalmente no contexto das culturas populares, em que se tem presente uma hierarquia na qual o mais velho é sempre uma referência, pois ele detém o conhecimento dado tanto pela experiência quanto pelo convívio e aprendizado com outros mais velhos, hoje ancestrais. Como dito antes, a oralidade tem também diversas formas, e pode se manifestar através da contação de histórias e lendas sobre os





seres encantados, por meio de itans sobre orixás, vivências com mestres e mestras mais antigos, dentre outras.

Trazendo para o caso da capoeira, principal atividade do nosso coletivo, a oralidade está sempre presente nas rodas e aulas com os mestres e professores. Através de vivências com mestres mais antigos, podemos aprender um pouco sobre a trajetória deles e, conseqüentemente, sobre a trajetória da própria capoeira.

Entretanto, apesar de as culturas populares terem esse instrumento de preservação de memória, existe ainda um problema com relação à conservação dessas

memórias. Diferentemente das manifestações de memórias tradicionais que podem ser – e via de regra são – registradas e documentadas pela escrita (livros, biografias, artigos) tendo como o suporte o papel, a escrita não suporta nem consegue reproduzir com total fidelidade um conteúdo que foi produzido pela oralidade. Entendo que a oralidade não é constituída apenas pelas palavras ditas pelo orador, mas sim pela junção de outros elementos de comunicação como as expressões faciais, gestos e até mesmo silêncios. Elementos esses que não cabem no papel, pois não foram pensados e projetados para tanto, ao contrário das manifestações oficiais.

Mas se o papel não é o suporte ideal para a oralidade, o que pode ser? Pensando a partir da história da capoeira, vemos que os registros escritos mais antigos que foram encontrados sobre a capoeiragem tratam-se, majoritariamente, de registros policiais e artigos de jornais em que eram denunciadas as práticas de vadiagem. Podemos perceber que esses registros não são feitos pelos próprios capoeiras, mas sim por aqueles que perseguiam e rejeitavam sua prática. Os primeiros registros escritos por capoeiristas que temos notícia são os “Manuscritos de Mestre Pastinha” e “O ABC da Capoeira de Mestre Noronha”, ambos da segunda

metade do século XX. Registros muito importantes e que nos trazem muitas informações sobre a capoeiragem de Salvador, mas não são os únicos.

É possível descobrir mais sobre a capoeiragem soteropolitana a partir de outros registros, como entrevistas e documentários com capoeiristas, que evidenciam o papel do audiovisual na preservação

quase integral dessas memórias. Além disso, os famosos LPs são igualmente valiosos, discos que contêm importantes depoimentos dos mestres que os gravaram, além da própria musicalidade da capoeira, que carrega em suas letras diversas histórias e ensinamentos. Esse é o caso do Gaviões da Lua, cuja história não está registrada em livros, mas é transmitida e contada, ou melhor, cantada, em nossa ladainha:

Vou contar uma história
Do meu grupo Gaviões
Mas primeiro vou contar
Como tudo começou
Nascido na sussunga,
Colega velho, Bahia Salvador
Era apenas um aluno
Nem sonhava professor
Aqueles meninos da rua
Pra sua laje ele levou
Para Ensinar a capoeira
Que seu mestre lhe ensinou
Parecia brincadeira
O que parecia brincadeira
Um grupo ele criou

Gaviões da Lua agora
Conhecido ficou
Agora o que lhe faltava
Era formar professor
Conheceu mestre mudinho
Que o seu grupo afiliou
Teve cordel de formado
Mas a união se acabou
Mas tudo é assim
Todo começo tem fim
Vai tocando o seu grupo
Com apoio de um por um
Esses os Gaviões
Que nunca vai ter fim, camará
Iê Meu Mestre, Iê ele Seu Alex



A nossa ladainha é a maneira pela qual compartilhamos e rememoramos a nossa história, lembrando nossa origem, nossa luta e também a quem devemos agradecer: Alex Sena Nascimento, para nós, Mestre Alex Gavião. Aquele que, mesmo sendo ainda apenas um aluno, carregava consigo a generosidade de compartilhar o que ainda estava aprendendo com

REFERÊNCIAS

ABREU, Frederico José de. *Capoeiras – Bahia, século XIX: imaginário e documentação*. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005. v. I.

ALBERTI, Verena *et al.* *Histórias dentro da história*. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Uso e mau uso dos arquivos*. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRIL, Simone da Silva. *Imprensa e política: jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão*. SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA – DISPUTAS POLÍTICAS E PRÁTICAS DE PODER. 2. Universidade Estadual do Maranhão. 7 a 10 de julho de 2011.

DIAS, Adriana Albert. *Mandinga, manhã & malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: EDUFBA, 2006.



aquelas crianças que não sabiam nada sobre a capoeira. As letras das cantigas, documentários e entrevistas se mostram importantes e eficientes ferramentas de preservação e mediação das histórias dentro da história da capoeira, além de serem também um instrumento facilitador da transmissão de conhecimento dos mestres mais antigos para os alunos novos. Pensando

nisso, desenvolvemos o Cine Gaviões, atividade voltada para a exibição de diversos documentários produzidos sobre a capoeira e sobre Mestres da capoeira, tendo como público-alvo não só os nossos alunos, como também os pais e responsáveis. Momento em que todos podem apreender e entender um pouco mais de nossa rica arte.



GRESPLAN, Jorge. *Considerações sobre o método*. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.
NAPOLITANO, Marcos. *A História depois do papel*. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.
OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.
PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937)*. Tocantins: NEAB, 2004.
SCOFIELD, Bruno Lauar. *Direito ao esquecimento e o direito à memória*. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JcWdn>. Acesso em: 25 jun. 2024.



Girassóis Coletivos – Um HQ



Ficha Técnica:

Concepção: Coletivo Cultural Ibomin

Texto: Leo Vilas Verde – membro fundador do Coletivo, educador popular

Imagens: Bernardo Conceição – educando egresso do coletivo, oficinairo e artista visual

Design: Lucas Vinícius Conceição – comunicador popular



CANTIGA 01:

Ô mandinga pra lá, mandinga
pra cá
O jogo de angola ele é pra
vadiar (Refrão)
Essa ginga rasteira e bonita,
Jogo de malandragem bonito
de ver,
Então mandinga esse jogo
menino,
Porque angola eu quero
aprender
(Brenno Ricardo, 15 anos)

CANTIGA 02:

O Gunga chamou o jogo,
O Médio que inverteu,
O Viola já dobrou,
O meu mestre apareceu,
Uma ladainha já cantou,
A chula o côro respondeu,
O pandeiro já estalou,
E o atabaque runfô...
Venha pra cá, venha pra cá,
venha que a roda tá pra se
formar
(Brenno Ricardo, 15 anos)

CANTIGA 03:

Hoje a roda vai ser
Na academia do Mestre Lua
A bateria tá forte
Médio, viola e gunga
Atabaque e o pandeiro
Hoje não falta axé
Na roda de capoeira
Eu não vou parar o pé
Mas se o gunga quebrou
O jogo parou
(João Vitor, 12 anos)

CANTIGA 04:

Valha-me meu Deus
EÊh, valha-me meu Deus
Êh, valha-me meu Senhor
Capoeira é minha vida
Capoeira é meu amor



Na roda de capoeira
Vou buscar o meu saber
Com respeito e com gingado
Vou aprendendo a viver

Mestre Pastinha ensinou
Angola é fundamento
Capoeira é mandiga
É arte é Movimento

A ginga é minha proteção
O Berimbau é meu guia
No toque do jogo Angola
Eu já sinto a energia

Mestre Bimba lá na Bahia
Também deixou seu legado
Regional e angola
Todo jogo é respeitado
E assim eu vou jogando
Com amor no coração
Capoeira é minha vida
É a minha religião

Iê viva meu Deus
Iê viva meu Mestre...
(Emanuel, 13 anos)

CANTIGA 05:

Capoeira tem coragem
Menino grandinho,
Quem é capoeira não pode
cair (2x)

Olha zum, zum, zum (2x)
Capoeira é uma dança e uma
luta
Que veio praticada da Bahia
E da terra de São Salvador

Pé pequeno e pé grande
Não se dá não!
O jogo tá queimando
Chama o bombeiro que vai
arder bem



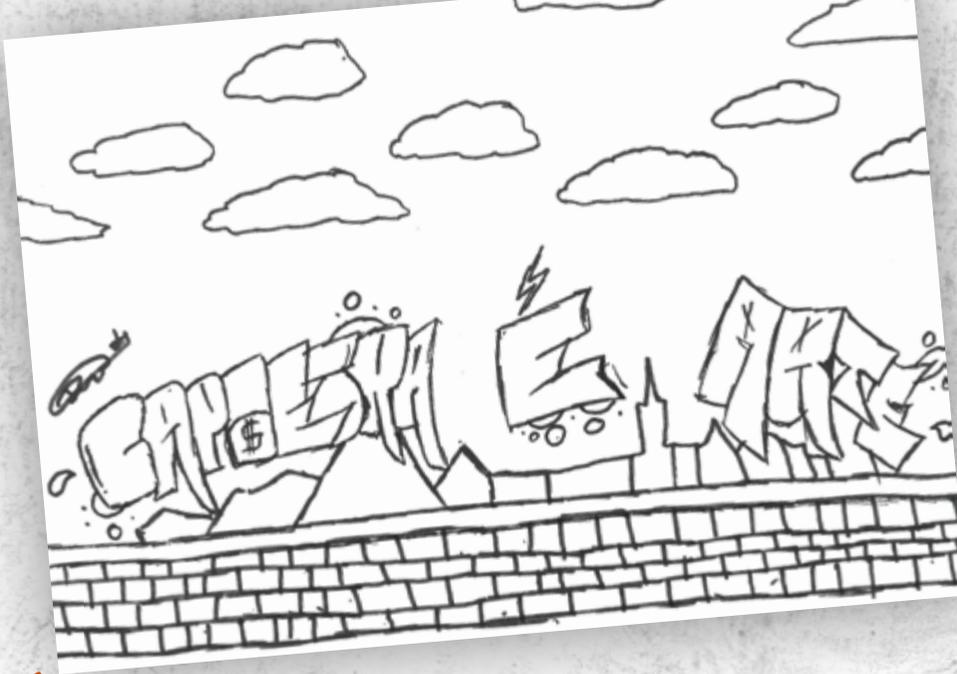
Tche, tche, tche, tche, tche,
tche, tche (2x)
Já tá chegando ao final,
Quem é capoeira não pode
parar
10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1 acabou!
(Fabricio, 9 anos)

CANTIGA 06:

Iêêê...
Vou contar uma historia (x2)
história de dois irmão
de dois capoeiras, alunos de
Alex Gavião

onde tudo começou? São
Caetano, Salvador
convidado pelo irmão, para
ser um jogador
conheceu a capoeira, por ela
se apaixonou





e depois alguns meses, o seu outro irmão levou como Fênix e Dragão, camará, os irmãos se batizou

E eles treinando, se dedicando, buscando evolução, aprenderam a gingar aprenderam a tocar, a tocar com coração

e em 15 de outubro de 2022 eles fizeram uma roda roda de inauguração

da nova academia do seu grupo Gaviões com a orientação do Mestre Alex Gavião E seu Lua negra ficou na Supervisão

e assim foram levando foram se dedicando e ensinando a nova geração Buscando conhecimento Conhecimento e inovação

Obrigado Mestre Alex por sua dedicação

Obrigado Mestre Lua por não nos deixar na mão
A Capoeira que aprendi, vou ensinar pros meus irmãos
Camaradinha, viva meu Mestre
Iêê viva meu Mestre
Iêê ele é seu Alex
Iêê Viva Seu Lua.

(Ozéias Victor, integrante do coletivo Gaviões da Lua)

POESIA 01:

Na ginga eu me expresso, mostro minha destreza, Com movimentos precisos, sou pura leveza.
Na roda, a malícia é minha aliada,
Esquivando dos golpes, a ginga é minha jogada.
(Stefane, 13 anos)

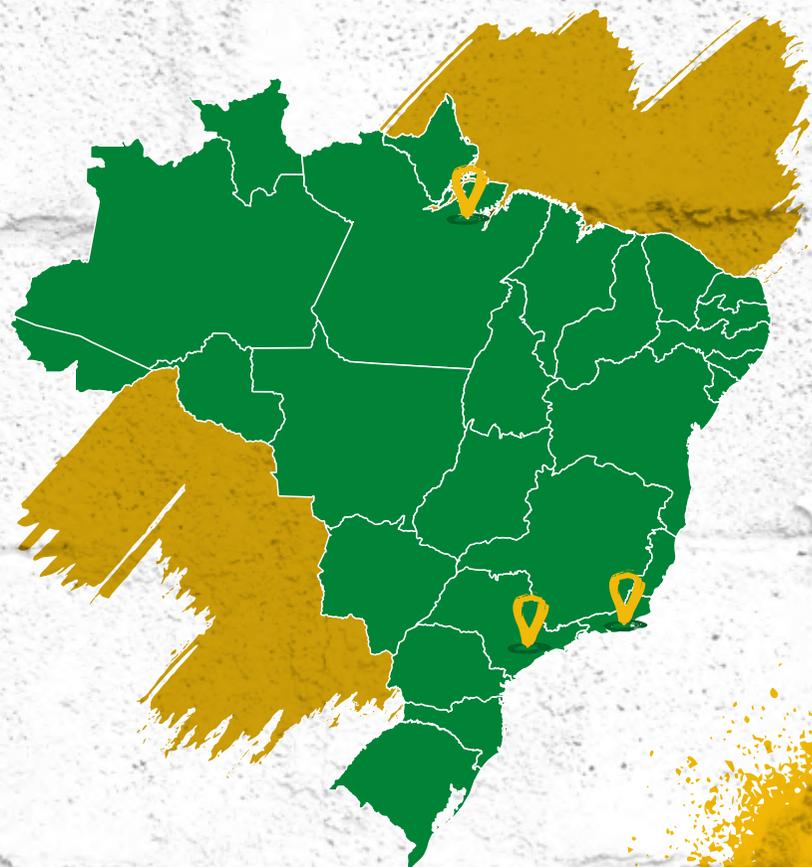
INTRODUÇÃO DOS COLETIVOS DO CICLO 3

Após o êxito do ciclo 1 do Projeto Coletivos, na Região Metropolitana de São Paulo, a Fundação Abrinq abriu um edital para a seleção de novos coletivos, dessa vez localizados nas demais regiões do Brasil.

O edital foi dividido em dois momentos: o ciclo 2, apresentado na presente publicação, contou com 11 coletivos das regiões Sul, Centro-Oeste e Nordeste, que se encerra em dezembro de 2024. E o ciclo 3, que selecionou 16 coletivos das regiões Norte e Sudeste, que terá duração até dezembro de 2024.

Para o ciclo 3, foram recebidas e analisadas 152 inscrições, sendo selecionados coletivos das regiões metropolitanas de São Paulo, Belém e Rio de Janeiro.

O Projeto Coletivos continuará abrindo periodicamente inscrições para fornecer apoio técnico e financeiro a coletivos periféricos que atuam em prol da infância e adolescência no Brasil. Para ficar por dentro dessas oportunidades, acompanhe o site e siga as redes sociais oficiais da Fundação Abrinq!



Conheça, a seguir, os 16 coletivos selecionados para o ciclo 3 do Projeto Coletivos da Fundação Abrinq

SÃO PAULO

Abadá Jabaquara

Território de atuação: Jabaquara

Endereço: Rua Torroselas, 339, Americanópolis - 04419-060 - São Paulo-SP

E-mail institucional:

williancunhasim@gmail.com

Redes sociais: @abada_jabaquara

Encrespadas

Território de atuação: Parelheiros e extremo sul

Endereço: atuação itinerante

E-mail institucional:

encrespadas.encrespados@gmail.com

Redes sociais: @encrespades

Autonomia ZN

Território de atuação: Jardim Brasil

Endereço: Rua Álvaro dos Santos, 639, Jardim Brasil - 02227-210 - São Paulo-SP

E-mail institucional:

autonomiazn@gmail.com

Redes sociais: @autonomiazn

Rodas de Leitura

Território de atuação: Canindé e Pari

Endereço: atuação itinerante

E-mail institucional:

rodasdeleitura@gmail.com

Redes sociais: @rodasdeleitura

Cia Caruru

Território de atuação: Parque Peruche e itinerante

Endereço: Casa do Vô, Rua Waldemar Martins, 485, Pq. Peruche - 02535-001 - São Paulo (SP)

E-mail institucional:

caruru.cia@gmail.com

Redes sociais: @cia.caruru

RPG & Cultura

Território de atuação: Grajaú e região

Endereço: atuação itinerante

E-mail institucional:

rpgcultura@gmail.com

Redes sociais: @rpgcultura

Coletivo Megê

Território de atuação: Zona leste e Suzano-SP

Endereço: atuação itinerante

E-mail institucional:

projotomegeoficial@gmail.com

Redes sociais: @coletivo_mege

Uno Brasil

Território de atuação: Bela Vista e Pari

Endereço: atuação itinerante

E-mail institucional:

parceriasunobrasil@gmail.com

Redes sociais: @projetosocialunobrasil

PARÁ

Chibé

Território de atuação: Icoaraci

Endereço: Rua Coronel Juvêncio

Sarmento, 733, Cruzeiro - 66810-080 - Belém-PA

E-mail institucional:

chibeliterario@gmail.com

Redes sociais: @___chibe

Futuro Brilhante

Território de atuação: Belém-PA e Região Metropolitana

Endereço: atuação itinerante
E-mail institucional:
futurobrilhante14@gmail.com
Redes sociais: @futuro.brilhante

Comissão Solidária Vila da Barca
Território de atuação: Vila da Barca
Endereço: Passagem Praiana, 55B, Vila da Barca, Telégrafo - 66113-150 - Belém-PA
E-mail institucional:
comissaosolidariaviladabarca@gmail.com
Redes sociais: @barcaliteraria

Sarau em Movimento
Território de atuação: Terra Firme
Endereço: atuação itinerante em Belém-PA
E-mail institucional:
sarauemmovimento@gmail.com
Redes sociais: @sarauemmovimento

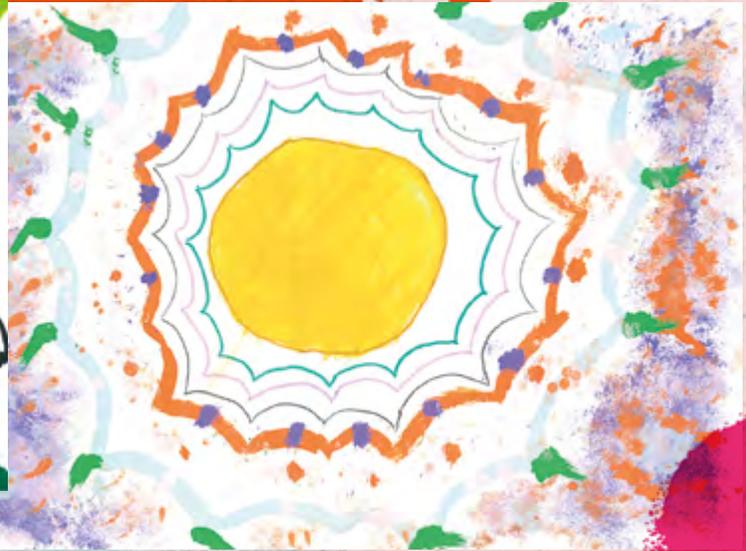
RIO DE JANEIRO

Coletivo COE
Território de atuação: Complexo do Chapadão/Pavuna
Endereço: Rua Javata, 1242, Anchieta - 21655-400 - Rio de Janeiro-RJ
E-mail institucional:
coletivocoe@gmail.com
Redes sociais: @coletivo_coe

Macacos Vive
Território de atuação: Morro dos Macacos/Vila Isabel
Endereço: Rua Armando de Albuquerque, 33B, Vila Isabel - 20560-130 - Rio de Janeiro-RJ
E-mail institucional:
macacosvive@gmail.com
Redes sociais: @macacosvive

Favela em Ação
Território de atuação: Bangu/Vila Aliança
Endereço: Rua Severina Novais, 260, Bangu - 21840-100 - Rio de Janeiro-RJ
E-mail institucional:
aliancapelobem2023@gmail.com
Redes sociais: @favelaemacaooficial

Ninho das Águias
Território de atuação: Vietnã/Pavão-Pavãozinho
Endereço: Rua Camélia, 3, Pavão-Pavãozinho, Acesso Saint Roman, 100, Plano Inclinado - 22071-060 - Rio de Janeiro-RJ
E-mail institucional:
ninhodasaguiasppg@gmail.com
Redes sociais: @ninhodasaguiasppg





MEDO

INJUSTIÇA

MARGINALIZAÇÃO

POBREZA

PRECONCEITO

DIFICULDADE

Caroline Archonpo



www.fadc.org.br

[f/fundabrinq](https://www.facebook.com/fundabrinq)

[/fundacaoabrinq](https://www.instagram.com/fundacaoabrinq)